

A TRANSIÇÃO, A RESISTÊNCIA E A (DES)CONTINUIDADE: A PRÁTICA SOCIAL DE CONTAR DAS NOVAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS

Maria de Lourdes Patrini
UFRN

Este estudo decorre de meu trabalho de pesquisa «Le conteur contemporain: une étude de la transmission et de la réception orales du conte en France (1968-1998)»,¹ à partir do fenômeno da renovação do conto oral, ligado simbolicamente a Maio de 68.

Atualmente, o retorno da tradição oral pelos «novos contadores de história» é um fenômeno social e cultural na França e em diversos países da Europa e da América. Assim, remarca-se que, movidos pela necessidade imperiosa, um «movimento» de renovação se fez sentir nestas três últimas décadas. Na França, contadores, mas também pesquisadores, especialistas do conto, bibliotecários e professores, motivados por esta necessidade, abriram vias de desenvolvimento à arte de contar, à renovação do conto, provocando o aparecimento de um novo contador de histórias que, naquele momento, pareciam ter encontrado um terreno fértil para dar força à suas vozes.

Neste sentido, o movimento de maio de 68² têm uma importância particular enquanto fato histórico-social. A tomada da palavra representava na época alguma coisa de inédito. Abordar este movimento nos obriga de início a conhecer o perfil dos homens que são oriundos desta geração. Alguns deles participaram deste acontecimento e, durante os trinta anos que se seguiram, encontraram uma nova profissão onde através da palavra de ontem eles procuravam «la vérité, la justice, la liberté, la communauté (...) le désir d'une plus grande liberté pour chacun et pour tous» (C.Castoriadis:1996). Hoje, eles procuram ainda, através a arte de contar, a palavra em liberdade que o conto pode oferecer aos homens.

A arma dos manifestantes era a palavra, que foi liberada através dos slogans que ornavam os muros. Estes reivindicavam uma maior liberdade, mudanças políticas e uma renovação. Eles encarnavam a revolta frutuosa e fundadora que, segunda Julia Kristeva, é o «dever essencial do ser».³

Se nós evocamos hoje Maio de 68 e, entre outras, uma de suas reivindicações: o medo que a memória desaparecesse, nós podemos dizer que os contadores nas suas formas atualizadas de oralidade, mantêm esta palavra que acompanha o homem desde muito tempo e o nosso patrimônio narrativo. A narração seria para o contador e os ouvintes como uma ruptura com a experiência artística consagrada.

Nós nos perguntamos freqüentemente qual é o sentido da arte de contar hoje. «A arte do conto tem um percurso provocado, programado, (...) o contador, e sua nova função de homem de espetáculo, atua com diferentes desconhecidos (...), ele está só num lugar que

¹ Tese de doutorado defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, em 16 de dezembro de 1998.

² Para nosso estudo, nós fazemos referência ao movimento de Maio de 68 e aos movimentos feministas quando o trabalho exige. Nós distinguimos estes dois movimentos em relação ao conjunto deste estudo. Em maio de 1968, as vozes dos dois movimentos eram quase as mesmas. As mulheres divulgaram, alguns anos mais tarde (1971), um manifesto: “O manifesto 343”, que reclamava o livre acesso aos meios anticoncepcionais e o aborto livre. Como outros movimentos sociais, os dois citados acima têm contribuído para a reflexão da modernidade.

³ KRISTEVA J., “Savoir incarner la révolte dans l'individuel”. *Magazine Littéraire*, 1998, n°365, p.67.

ele não conhece, diante de um público que ele está encontrando pela primeira vez e que provavelmente ele não reverá mais após sua prestação».⁴

Atualmente para contar não há mais tempo nem espaço específico. «No Ocidente, a oralidade se transformou em uma oralidade de «pubs» de conversação corrente, e a forma do conto continua a se exprimir nos filmes, na literatura e nos quadrinhos»,⁵ sublinha a contadora Fiona Macleod. Ela tenta exprimir a face de uma oralidade que está a serviço das artes mas igualmente de um quotidiano banal. Brunilde Biebuyck, pesquisadora do assunto aquiesce : «Em New York, tudo é fonte de histórias: é uma cidade que deve se contar para sobreviver. E aqueles que sobrevivem digerem a cidade por palavras (...) E aquele que relata uma história não tem no entanto o monopólio da palavra. Contar permite estar em um jogo relacional onde uma história pode ser recontada segundo as mesmas regras de uma conversação».⁶

O que as pessoas contam? O que elas ouvem? São histórias da tradição oral, os contos maravilhosos, as histórias de conquistas e aventuras, histórias de vida, contos populares, contos da literatura contemporânea, anedotas, histórias de contadores-escritores. Esta lista é reveladora. Os motivos, os contadores, as formas de contar e os espaços do contador hoje são igualmente variados. «A verdade é que hoje, o conto está no meio urbano», explica Fiona Macleod. Mesmo se ela reconhece ainda uma forte influência da tradição, ela remarca a existência de uma palavra urbana que circula entre as pessoas graças à prática do conto. Assim, o monopólio da palavra, fácil de se observar junto ao contador tradicional, se transforma, com o novo contador, em um jogo relacional que permite a uma história de se construir, às vezes, com a participação dos espectadores.

Os novos contadores podem proceder de diversas maneiras. Observamos diferenças consideráveis entre eles. Alguns sabem estabelecer um diálogo com seu público, dando liberdade aos espectadores, outros permitem que a história se construa através do jogo de perguntas e respostas, existem tantas formas de contar como de contadores. Para se chegar a este ponto de interação com o seu público, o contador deve, além de conduzir o espetáculo, dominar bem a palavra e, certamente, o conhecimento das palavras, pois como remarca a pesquisadora Brunilde Biebuyck, é «a construção de um ambiente discursivo e relacional que importa, a história nela mesma não representa senão um elemento».⁷ O contador contemporâneo sabe que esta palavra requer uma busca que é preciso captar nos interstícios deixados pela sociedade moderna. O contador deve se fazer companheiro, amigo e amante desta palavra, movente e ambulante, que desafia a linearidade e as classificações de gênero. Assim, dominando esta palavra, ele passa as fronteiras da vida cotidiana, graças a esta luz de vida intensa e concentrada, ele goza face a face com seu público a experiência inusitada que esta palavra possibilita.

Em busca desta «parole conteuse», as mulheres entrevistadas revelaram que para elas, contadoras, esta busca só se concretiza se ela se realizar junto com a busca de si mesma. Para elas ser contadora exige um olhar atento sobre si mesma. As respostas dadas pelas contadoras revelam a coragem e a audácia de alguém que quer ter uma profissão mas que nela esteja contido o passado (suas histórias de vida) e o desejo cotidiano da conquista da palavra. Não é por que a luta feminista faz parte de uma maneira ou de outra da história das contadoras entrevistadas que a «parole conteuse» as motiva à refletir sobre sua profissão e a interdição da palavra que desde muito tempo acompanha sua vida. A mulher

⁴ GAY-PARA P., “Le repertoire du conteur”, in *L'É Renouveau du conte: colloque international*, Paris, Musée National des arts et traditions populaires, 21,22,23 et 24 février 1989/ed. G.CALAME-GRIAULE, Paris: CNRS, 1991.-p.115.

⁵ Entrevista da contadora Fiona Macleod: “Renouveau du conte (la magie d'être ailleurs)”, in: *Printemps celtic*. Parc de La Villette: Éditions Terre de Brume, 1996.- p.66.

⁶ BIEBUYCK Brunilde, “Conter, raconter, badiner”, in: *L'É Renouveau du Conte: colloque international*, Paris, CNRS, 1991.-p.109.

⁷ idem, *ibidem* p.110.

se revela na sua totalidade, mulher e contadora, às vezes sem distinção. Quando ela se refere à sua arte, mesmo de maneira precisa, ainda assim seu discurso é atravessado por uma pulsão de vida. As palavras da contadora Mimi Barthélemy ilustram bem: «Eu acredito que há uma simbiose enorme entre o que nós dizemos e aquilo que somos, e eu teria a tendência (...) em dizer que o contador ou a contadora se nutre de sua experiência, de sua vida, de sua cultura, de seu ser profundo, de suas aspirações, de seu sentimento artístico e de seus talentos... Tudo isto faz com que o contador ou a contadora conte com a sua carne.»

Os homens vivendo a sua profissão diferentemente, respondem a esta questão sem abordar o lado pessoal ou íntimo de sua prática. Para o contador Jean-Louis Craver, «la parole conteuse» garante a coerência narrativa de um história e satisfaz a três qualidades: a adaptação, o natural, a musicalidade. «Cada um procura onde ele pode, em função de sua personalidade, de seus gostos e de suas intenções mais ou menos conscientes», diz o contador Philippe Barbeau. O importante para ele é se questionar sobre sua prática com o objetivo de aperfeiçoá-la.

Tudo isto parece confirmar o que tão bem conhecemos, isto é: que também no caso do contador, o homem se beneficia de uma situação privilegiada para progredir na sua profissão. A mulher tem a carga dos filhos, da casa e a de sua profissão, enquanto os homens se engajam senão com o seu papel profissional.

Mas a respeito disto existem nuances ainda mais sutis. Há mulheres que não assumem os seus papéis sociais tradicionais e, no entanto, se manifestam de forma semelhante em relação às que os desempenham, ou seja: elas também expõem claramente seu percurso profissional como parte integrante do seu percurso de vida. Elas deixam transparecer um papel de fonte de transmissão, de matriz. A abordagem desta questão pela mulher/contadora tem sempre um destino certo, ela nasce de uma força interior e segue em direção ao outro. «Captar «la parole conteuse» significa um reencontro, «un coup de cœur», porque ela é a origem e o modo de expressão, ela é a alma do contador, diz Hélène Loup.

Entretanto, através de nosso estudo pudemos constatar que «la parole conteuse» de hoje é ambulante como são também os contadores, ela é movente como a maneira de cada um de buscá-la e de tratá-la. No ato de contar «la parole conteuse» assim como o espaço e o público que são sem dúvida elementos que compõem a performance do contador de histórias se manifesta através de concepções múltiplas. Nós diríamos que elas são igualmente marcadas pelos gêneros.

Abordar a performance é abordar a prática do contar, é fazer referência à uma profissão e certamente à um papel social, à identidade do contador. Para as contadoras, é também uma maneira de olhar seu próprio estatuto de mulher, que emerge à superfície do discurso. A contadora Catherine Zarcate nos diz que falar da diferença de performance entre um homem e uma mulher, «é uma questão muito delicada e difícil», e complementa: «eu considero que eu jamais contei ocupando o meu lugar de mulher, meu lugar de mulher é autista, eu estou neste momento trabalhando com esta questão para tentar me aproximar docemente de uma palavra que seja feminina (...) eu sei que ainda estou em contato com o meu sofrimento, com o lugar onde eu mesma sou devastada».

Para falar de sua performance, a contadora tem necessidade de estabelecer uma confrontação com as experiências vividas. Para realizar sua performance, ela deve revelar a sua receptividade de mulher. Catherine Zarcate rompe o silêncio e confessa: «Eu não podia mais contar a cada vez histórias de cavaleiro, é ridículo...»

As mulheres procuram ser mais consciente de sua função profissional e dão assim um senso a seu «savoir-faire», o que é menos frequente com os homens. O percurso do contador não é jamais o mesmo. O contador luta como ele pode para obter seu estatuto

profissional, ele sabe que pode contar sempre sobre o direito que a sociedade lhe confere e frequentemente sobre a cumplicidade da mulher.

As sociedades tradicionais já nos fizeram compreender que a mulher tem um lugar para contar e que ela não se mistura jamais com o lugar destinado aos homens, salvo situações verdadeiramente especiais. Nas sociedades modernas, mesmo se nós não encontramos a mesma segregação, a diferença na maneira de contar entre um homem e uma mulher merece ser observada.

Quando a mulher toma a palavra, é para atingir seu alvo. Hélène Loup nos contou como e quanto tempo ela guardou o conto sem se manifestar. Era preciso crescer, ser adolescente, e até lá, «eu guardei preciosamente este mundo importante e secreto, eu me protegia... E eu sonhava». Para esta contadora, hoje em plena posse de sua profissão, a única diferença notável entre os sexos na arte de contar é o tempo e a liberdade de espírito dos quais dispõem os homens em relação às mulheres na escolha e na preparação de seus contos assim como para «gerir sua carreira» e fazer «suas investidas oficiais e financeiras». Mas nos sabemos bem, continua Hélène Loup que «isto não é específico ao conto.»